

O SANGUE DOS MÁRTIRES



J. C. RYLE

O Sangue dos Mártires

Direitos Autorais © 2022 Legado Reformado.

Legado Reformado

www.legadoreformado.com

Produção Editorial:

Editor: Henrique Curcio

Tradução: Henrique Curcio

Revisão: Jacqueline Moura

Revisão: Diego Moura

Capa: Erik Anderson

Todas as citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada, salvo qualquer indicação específica. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer maneira sem permissão por escrito, exceto nos casos de breves citações contidas em artigos ou revistas. Direcione sua solicitação ao editor no seguinte endereço: permissões@legadoreformado.com.

Siga nosso Instagram:

www.instagram.com/legadoreformado/

ÍNDICE

ÍNDICE	3
COMO AJUDAR NOSSO MINISTÉRIO	5
MARIA SANGUINÁRIA	6
OS 9 MÁRTIRES.....	16
A PRINCIPAL RAZÃO PELA QUAL ELES FORAM QUEIMADOS	45
A IMPORTÂNCIA DESSE ASSUNTO	55
QUEM FOI J.C. RYLE?	65
OUTROS TÍTULOS PRODUZIDOS POR NÓS	72

O SANGUE DOS MÁRTIRES

*“Ora, todos quantos querem viver piedosamente
em Cristo Jesus serão perseguidos”*

(2 Tm 3:12)

Como ajudar nosso ministério

Nosso foco é glorificar a Deus e abençoar nossos irmãos em Cristo com nossas traduções. Por esse motivo decidimos fazer todo o nosso conteúdo digital de maneira gratuita. **Caso você deseje ajudar o nosso ministério, você poderá:**

1. Seguir nosso Instagram:
www.instagram.com/legadoreformado/
2. Comprar uma cópia física;
3. Fazer uma doação para o Pix: CNPJ 47.268.109/0001-78;
4. Traduzir, Revisar ou Narrar
(contato@legadoreformado.com)
5. Deixar uma avaliação no site da Amazon, para que outras pessoas possam saber sobre esse conteúdo gratuito.

Oremos para que Deus possa usar esse conteúdo para edificar a Sua Igreja.

Que Deus o abençoe.



Maria Sanguinária

*“Lembrai-vos dos encarcerados, como se presos com eles;
dos que sofrem maus-tratos, como se, com efeito, vós mesmos
em pessoa fôsseis os maltratados”*

(Hb 13:3)

Existem certos fatos na história que o mundo se esforça para ignorar e esquecer. Tais fatos atrapalham algumas das teorias favoritas do mundo por serem muito inconvenientes. A consequência inevitável é que o mundo fecha os olhos para esses acontecimentos. São considerados usurpações indesejáveis e repercutem algo desagradável e incômodo. Como

navios em um horizonte distante, pouco a pouco tais fatos desaparecem da vista dos estudantes de história. De tais fatos, o assunto deste livro é um exemplo vívido: “O martírio de nossos reformadores ingleses; e a razão pela qual eles foram martirizados”.

Em alguns aspectos, é moda negar que exista alguma certeza sobre a verdadeira religião ou quaisquer outras convicções pelas quais vale a pena ser martirizado. No entanto, há 300 anos havia homens que tinham plena convicção de terem descoberto a verdade e se contentavam em morrer por tal descoberta. Está na moda em outros lugares deixar de fora todas as coisas desagradáveis da história e pintar tudo com um tom de rosa. Dificilmente qualquer história mais popular de rainhas inglesas menciona os martírios dos dias do reinado de *Mary*! Entretanto, Ela não foi chamada de “*Bloody Mary*” (Maria, a sanguinária) sem razão; pois dezenas de protestantes foram queimados durante seu reinado.

Por último, mas não menos importante, considera-se, em muitos setores, ser algo de muito mau gosto dizer coisas que contradizem a Igreja de Roma. No entanto, é tão certo que a Igreja romana queimou

nossos reformadores ingleses; como é certo que Guilherme, o Conquistador, venceu a batalha de *Hastings*. Essas dificuldades me encontram cara a cara quando passo para o assunto que desejo desdobrar neste pequeno livro. Conheço a magnitude deles e não posso evitá-los. Peço apenas aos meus leitores que me deem ouvidos pacientes e atenciosos.

Afinal, tenho muita confiança na honestidade da mente dos ingleses. Verdade é verdade, por mais que ela possa ser negligenciada. Fatos são fatos, por mais que eles possam permanecer enterrados. Eu só quero desenterrar alguns fatos passados que as areias do tempo cobriram, trazer à luz do dia alguns antigos “monumentos” ingleses que há muito foram negligenciados e desenterrar alguns poços antigos que o príncipe deste mundo tem diligentemente soterrado. Peço aos meus leitores que prestem atenção por alguns minutos e espero poder mostrar o quão importante é examinar a pergunta: “Por que nossos reformadores foram queimados?”

Os fatos gerais do martírio de nossos reformadores é uma história bem conhecida e sempre lembrada e contada. Mas pode ser útil dar uma breve descrição

desses fatos, a fim de fornecer uma estrutura para o nosso assunto.

Eduardo VI, “aquele jovem príncipe incomparável”, como o bispo *Burnet* o chama, morreu em 6 de julho de 1553. Nunca, talvez, nenhuma pessoa nesta terra tenha sua morte lamentada de forma mais sincera e tenha deixado como legado uma reputação mais justa. Talvez, naquela época, para o pobre julgamento falível do homem, a causa da verdade de Deus na Inglaterra tenha sofrido um duro golpe. Sua última oração antes de morrer não deve ser esquecida: “Ó Senhor Deus, defenda esse reino do papismo e mantenha sua verdadeira religião”. Foi uma oração que, creio eu, não foi oferecida em vão.

Atente-se para esse outro caso. Após um esforço tolo e deplorável para obter a coroa para *Lady Jane Grey*, *Edward* foi sucedido por sua irmã mais velha, *Mary*, filha de *Henrique VIII*, e mais conhecida na história inglesa pelo nome repugnante de “*Bloody Mary*”. Ela foi criada desde a infância como uma fiel seguidora da Igreja Romana. Ela era, de fato, extremamente papista, rigorosa, intolerante e de mente cativa ao extremo. Começou, assim que pôde, a

destruir o trabalho de seu irmão de todas as maneiras possíveis, e a restaurar o papismo em suas piores e mais ofensivas formas. Passo a passo, ela e seus conselheiros marcharam de volta a Roma, atropelando e destruindo cada obstáculo, e avançando diretamente para o seu alvo. A missa foi restaurada; os cultos em inglês foram removidos; as obras de *Lutero*, *Zwingli*, *Calvino*, *Tyndale*, *Bucer*, *Latimer*, *Hooper* e *Cranmer* foram proibidas. O cardeal *Pole* foi convidado à Inglaterra. Os protestantes estrangeiros residentes na Inglaterra foram banidos. Os principais teólogos da Igreja Protestante da Inglaterra foram privados de seus cargos e, enquanto alguns fugiram para o continente, outros foram presos. Os antigos estatutos contra a heresia foram novamente preparados, apresentados e instaurados. E assim, no início de 1555, o palco estava pronto, e uma tragédia sangrenta, na qual os Bispos *Bonner* e *Gardiner* tiveram um papel tão proeminente, estava na eminência de começar.

Infelizmente, pela disposição da natureza humana, os conselheiros de “*Bloody Mary*” não se contentaram em somente despojar e aprisionar os principais reformadores ingleses. Resolveram fazê-los abjurar

seus princípios, ou matá-los. Um a um, foram chamados às comissões especiais, examinados sobre suas opiniões religiosas e convocados a se retratar, ou sofreriam pena de morte caso recusassem. Não foi cogitada nenhuma terceira via; nenhuma outra alternativa foi cogitada para eles. Deveriam desistir do protestantismo e acatar o papismo ou, então, seriam queimados vivos! Recusando-se a se retratar, eles foram entregues um a um; trazidos a público e acorrentados a estacas, cercados por feixes de gravetos e publicamente extirpados do mundo pela mais cruel e dolorosa das mortes, a morte por meio do fogo.

É um fato verídico que, durante os quatro últimos anos do reinado de *Mary*, nada menos que 288 pessoas foram queimadas na fogueira por sua adesão à fé protestante.

Em 1555, 71 foram queimadas;

Em 1556, 89 foram queimadas;

Em 1557, 88 foram queimadas;

Em 1558, 40 foram queimadas.

O SANGUE DOS MÁRTIRES

De fato, as fogueiras nunca deixaram de arder enquanto *Mary* estava viva. De fato, cinco mártires foram queimados em *Canterbury* apenas uma semana antes de sua morte. Desses 288 sofredores, atente-se para o fato de que um era arcebispo, quatro eram bispos, vinte e um eram clérigos, cinquenta e cinco eram mulheres e quatro eram crianças.

É um fato incontestável que esses 288 mártires não foram mortos por quaisquer ofensas à propriedades ou pessoas. Eles não foram rebeldes contra a autoridade da rainha. Não eram ladrões, nem assassinos, nem bêbados, nem homens e mulheres de vidas promíscuas. Pelo contrário, eles eram, com apenas uma exceção, alguns dos melhores cristãos, os mais “puros” da Inglaterra, e muitos deles eram os mais eruditos de seus dias.

Eu poderia falar também sobre a injustiça grosseira e a forma abusiva com que foram tratados em seus interrogatórios. Seus julgamentos, se é que podem ser chamados de julgamentos, foram um escárnio do que se chama de justiça. Também, poderia ainda dizer muito sobre a crueldade abominável com a qual esses crentes foram tratados tanto na prisão como na

fogueira. Mas sobre esses detalhes você deve ler o “*Livro dos Mártires*” de *John Foxe*.

Roma nunca fez um dano tão irreparável como o fez no reinado de *Mary*. Mesmo pessoas sem instrução, que não podiam entender muita coisa, viram claramente que uma Igreja que cometeu derramamento de sangue de maneira tão monstruosa dificilmente poderia ser a Igreja verdadeira de Cristo! Mas não tenho tempo para tudo isso. Devo concluir o esboço geral desta parte do meu tema com duas observações.

Por um lado, peço aos meus leitores que nunca esqueçam que a Igreja de Roma é total e inteiramente responsável por ter queimado nossos reformadores. A tentativa de transferir a responsabilidade da Igreja para o poder secular é um subterfúgio miserável e desonesto. Os homens de Judá não mataram Sansão; mas eles o entregaram amarrado nas mãos dos filisteus! A Igreja de Roma não matou os reformadores; mas ela os condenou e os entregou para o poder secular para a execução da condenação! A medida precisa de responsabilidade que deve ser atribuída a cada um é um ponto que não quero me deter.

Agnes Strickland, em sua obra “*Lives of the Queens of England*” tentou em vão tirar a culpa da ‘desafortunada’ *Mary*. Com todo o zelo de uma mulher, ela se empenhou em inocentar a sua pessoa. O leitor de sua biografia encontrará pouco sobre os martírios. Entretanto, a obra do *Sr. Froude* conta uma história muito diferente. A rainha, seu conselho, o parlamento, os bispos papistas e o cardeal *Pole*, devem se contentar em compartilhar a responsabilidade. Somente uma coisa é absolutamente certa: Todos eles nunca conseguirão tirar a responsabilidade sobre os ombros da Igreja de Roma. Como os judeus e Pôncio Pilatos, quando nosso Senhor foi crucificado, todas as partes devem assumir a culpa. O sangue está sobre todos eles.

Por outro lado, desejo que meus leitores se lembrem de que queimar os mártires sob o reinado de *Mary* foi um ato que a Igreja de Roma nunca repudiou, pediu desculpas ou se arrependeu até os dias atuais (esse livro foi escrito em 1882). Lá está a enorme mancha em seu escudo, e esse notório fato fica lado a lado com outros. A Igreja de Roma nunca fez nenhuma tentativa de limpá-los, nunca se arrependeu de seu tratamento cruel com os valdenses e os albigenses;

nunca se arrependeu dos assassinatos em massa da *Inquisição Espanhola*; nunca se arrependeu do massacre em *São Bartolomeu*; ela nunca se arrependeu de queimar os reformadores ingleses!

Devemos tomar nota desse fato e deixá-lo marcado profundamente em nossas mentes. Roma nunca muda. Roma nunca admitirá que cometeu erros. Ela queimou nossos reformadores ingleses há 300 anos. Roma se esforçou diligentemente em reprimir com violência o protestantismo que não podia ser impedido de se expandir através de argumentos. Caso Roma obtivesse novamente o poder, não teria dúvidas de que tentaria utilizar os mesmos métodos novamente!



Os 9 Mártires

Uma questão agora pode surgir em nossas mentes: “Quais foram os mais notáveis reformadores ingleses a serem queimados? Quais eram os nomes deles e quais foram as circunstâncias de suas mortes?” Essas são perguntas que podem ser feitas muito adequadamente, e perguntas às quais irei dar uma resposta.

Nesta parte do meu livro, parece ser bastante razoável revisar alguns elementos antigos. Eu quero que os nomes de nossos reformadores martirizados sejam “nomes conhecidos” entre todas as famílias

protestantes em todo o país. Portanto, não pedirei desculpas por dar os nomes dos nove principais mártires ingleses, na ordem cronológica de suas mortes e por lhes fornecer alguns fatos sobre cada um deles. Creio que nunca, desde que Cristo deixou o mundo, os cristãos enfrentaram mortes tão cruéis com tanta fé, esperança e paciência como esses mártires sob o reinado de *Mary*. Nunca homens prestes a morrer deixaram às gerações futuras um legado tão rico. Por isso tal legado merece ser escrito em letras douradas em nossas histórias e entregue aos filhos de nossos filhos.

John Rogers

O primeiro reformador inglês que se destaca como precursor, sendo mártir no reinado de *Mary*, foi *John Rogers*, ministro de Londres. Ele foi queimado em *Smithfield* em 4 de fevereiro de 1555. Rogers era um homem que, em certo aspecto, havia feito mais pelo protestantismo do que qualquer um de seus companheiros de sofrimento. Ao dizer isso, refiro-me ao fato dele ter ajudado *Tyndale* e *Coverdale* a publicar

uma versão da Bíblia em inglês. Essa circunstância, muito provavelmente, fez dele um homem marcado e foi uma das razões pelas quais ele foi o primeiro a ser levado à fogueira.

O escrutínio de *Rogers* diante de *Gardiner* nos dá a ideia de ser ele um protestante corajoso e contundente, que dominava totalmente todos os pontos sobre a controvérsia romana e foi capaz de dar evidências claras sobre suas opiniões. Dessa forma, ele parece ter silenciado e envergonhado seus examinadores mais do que a maioria dos mártires. Mas o debate, é claro, não teve nenhum efeito. Ele tinha a Escritura, mas seus inimigos tinham a espada.

Na manhã de seu martírio, ele foi despertado às pressas em sua cela em *Newgate*, e mal teve tempo para se vestir. Ele foi levado a *Smithfield* a pé, pelas ruas da igreja onde ele havia feito seu trabalho pastoral, perto da *Igreja do Sepulcro*, onde ele havia pregado. À beira da estrada, estava sua esposa e dez filhos (um bebê), que o bispo *Bonner*, em sua crueldade diabólica, recusou-lhes categoricamente a permissão para visitá-lo na prisão. Ele apenas os viu e com muita dificuldade teve permissão de parar, e depois caminhou calmamente

até a estaca, repetindo o Salmo 51. Uma imensa multidão aglomerava-se na rua e enchia todos os lugares disponíveis em *Smithfield*. Até aquele dia, os homens não sabiam como os reformadores ingleses se comportariam diante da morte e dificilmente podiam acreditar que alguns realmente dariam seus corpos para serem queimados por sua religião. Mas quando viram *John Rogers*, o primeiro mártir daquele tempo, caminhando de maneira constante e inflexível para morrer na fogueira, o entusiasmo da multidão não teve limites. Irromperam o ar com aplausos. Até *Noailles*, o embaixador francês, escreveu para casa uma descrição da cena e disse que *Rogers* foi à morte “como se estivesse caminhando para o casamento!”. Pela grande misericórdia de Deus, ele morreu com relativa facilidade. E assim o primeiro mártir sob o reinado de *Mary* faleceu.

J o h n H o o p e r

O segundo reformador que morreu pela verdade de Cristo no reinado de *Mary* foi *John Hooper*, bispo de *Gloucester*. Ele foi queimado em *Gloucester* na sexta-feira, 9 de fevereiro de 1555.

O SANGUE DOS MÁRTIRES

Hooper talvez tenha sido o mártir mais nobre de todos. Entre os bispos de *Eduardo VI*, nenhum deixou uma reputação mais elevada de santidade pessoal, pregação e trabalho diligentes como *Hooper*. Nenhum tinha visões mais claras e mais bíblicas sobre todos os pontos da teologia. Alguns podem dizer que ele era muito calvinista; mas ele não confessava nada além dos “*39 Articles of Religion*”. *Hooper* era um homem perspicaz e via o perigo de deixar o romanismo ser semeado na Igreja da Inglaterra.

Um homem como *Hooper*, determinado, convicto, naturalmente nada simpático, inflexível e implacável em sua oposição ao pecado, certamente tinha muitos inimigos. Ele foi um dos primeiros indicados a serem martirizados assim que o papismo foi restaurado. Ele foi convocado a Londres no estágio inicial da perseguição sob o reinado de *Mary*, depois de permanecer dezoito meses na prisão e passar por todas as formas de escrutínio, diante dos bispos papistas, *Bonner, Gardiner, Tunstall e Day*. Logo após o escrutínio, foi ele então destituído de seu cargo e sentenciado a ser queimado como herege.

À princípio, esperava-se que sofresse em *Smithfield* com *Rogers*. Por algum motivo desconhecido, esse plano foi abandonado e, para sua grande satisfação, *Hooper* foi enviado a *Gloucester*, queimado em sua própria Diocese e à vista de sua própria catedral. Ao chegar lá, ele foi recebido com grande tristeza e respeito por uma vasta multidão, que foi para a *Cirencester Road* para encontrá-lo. *Hooper* passou a noite na casa do *Sr. Ingrain*; casa essa que ainda se encontra intacta e provavelmente sem nenhuma alteração. Ali o *Sr. Anthony Kingston*, a quem o bom bispo havia sido instrumento para a conversão de uma vida pecaminosa, pediu-lhe, com muitas lágrimas, que poupasse a si mesmo, e insistiu que lembrasse de que “a vida é doce, e a morte é amarga”. A isso o nobre mártir replicou com essa memorável resposta:

“A vida eterna é ainda mais doce e a morte eterna é ainda mais amarga”.

Na manhã do seu martírio, *Hooper* foi conduzido a pé ao local da execução, onde uma imensa multidão o esperava. Era dia de feira e acredita-se que quase 7.000 pessoas estavam presentes. A estaca foi plantada

aproximadamente a 100 metros à frente da Catedral. O local exato é marcado agora por um belo memorial na extremidade leste do cemitério. A janela sobre o portão, onde os frades papistas assistiam o bispo desfalecer em agonia, permanece inalterada até hoje (esse livro foi escrito em 1882).

Embora fosse estritamente proibido falar com o povo, ao chegar nesse local foi autorizado a *Hooper* que orasse. E ali ele se ajoelhou e fez uma oração que foi preservada e registrada por Foxe, e é de um caráter primorosamente comovente. Depois disso, uma caixa foi colocada diante dele contendo um perdão total caso ele apenas se retratasse. Sua única resposta foi:

“Afasto isso de mim; se você ama minha alma, afaste-a!”

Ele foi então preso à estaca por uma corrente em volta da cintura e travou sua última batalha. De todos os mártires, talvez nenhum, exceto *Ridley*, tenha sofrido mais do que *Hooper*. Nos é dito que por três vezes foi necessário reacender a fogueira, porque os gravetos não queimavam corretamente. Por três quartos de hora o nobre sofredor suportou a agonia

mortal, como *Foxe* diz: “Ele não se moveu para trás, para frente e nem para nenhum lado”, mas seguia apenas orando: “Senhor Jesus, tem piedade de mim; Senhor Jesus, receba meu espírito”; e batia no peito com uma das mãos até que ao fim fosse totalmente queimado! E assim o bom bispo de *Gloucester* faleceu.

R o w l a n d T a y l o r

O terceiro reformador que sofreu no reinado de “*Blood Mary*” foi *Rowland Taylor*, reitor da *Hadleigh*, em *Suffolk*. Ele foi queimado em *Aldham Common*, perto de sua própria igreja, no mesmo dia em que *Hooper* morreu em *Gloucester*; na sexta-feira, 9 de fevereiro de 1555.

Rowland Taylor é um dos quais pouco sabemos, exceto que ele era um grande amigo de *Cranmer* e um doutor em divindade. Mas é evidente que ele era um homem de alto nível entre os reformadores, por ter sido classificado por seus inimigos na mesma categoria de *Hooper*, *Rogers* e *Bradford*; e que era um hábil e bem-preparado teólogo, ficando isso claro em seu julgamento, registrado por *Foxe*.

Impressionante foi a resposta que ele deu a seus amigos em *Hadleigh*, que o instigaram a fugir, como ele poderia ter feito, quando foi chamado pela primeira vez a aparecer em Londres diante de *Gardiner*:

“O que vocês querem que eu faça? Sou velho e já vivi muito tempo para ver esses dias terríveis e perversos. Apresso-me a fazer conforme a consciência está me conduzindo. Creio diante de Deus que nunca poderei fazer pelo meu Deus um serviço tão bom como posso fazer agora!”

Impressionantes foram as respostas que ele deu a *Gardiner* e seus outros examinadores. Ninguém falou de maneira mais contundente e poderosa do que esse reitor de *Suffolk*. Seu último testamento e legado de conselhos para sua esposa, família e membros de sua igreja foi notável e comovente, sendo muito extenso para ser inserido aqui. Por isso, citarei apenas a última frase:

“Pelo amor de Deus, cuidado com o Papado! Pois, embora ele pareça promover a unidade é antes vaidade e anti-cristianismo, e não confessa a verdade e a fé em Cristo”.

Ele foi enviado de Londres a *Hadleigh* para ser queimado diante dos olhos dos membros de sua igreja, o que foi para ele motivo de grande contentamento. Quando chegou a aproximadamente três quilômetros de *Hadleigh*, o xerife de *Suffolk* indagou como ele se sentia.

“Deus seja louvado, Mestre Xerife, nunca estive melhor! Neste momento estou quase em casa. Falta muito pouco a percorrer e, então, estarei na casa de meu Pai!”

Enquanto ele cavalgava pelas ruas da pequena cidade de *Hadleigh*, encontrou-se rodeado pela multidão de seus irmãos, que tinham ouvido falar de sua aproximação, e saíram de suas casas para saudá-lo com muitas lágrimas e lamentações. Para eles fez apenas um discurso:

O SANGUE DOS MÁRTIRES

“Eu preguei a Palavra e a verdade de Deus e vim hoje para selá-los com o meu sangue”.

Ao chegar a *Aldham Common*, onde iria sofrer, ele disse: “Graças a Deus, estou em casa!” Quando ele estava já sem camisa e pronto para ser amarrado à estaca, ele disse em voz alta:

“Eu não lhes ensinei nada além da Santa Palavra de Deus e as lições que tirei da Bíblia; e estou aqui hoje para selá-los com meu sangue!”

Ele provavelmente teria falado mais, mas, como todos os outros mártires, ele foi estritamente proibido de falar, e por isso foi atingido violentamente na cabeça por dizer essas poucas palavras. Ele então se ajoelhou e orou, e uma pobre mulher de sua igreja, apesar de todos os esforços para impedi-la, insistiu bravamente e ajoelhou-se ao lado dele. Depois disso, ele foi acorrentado à fogueira, repetindo o Salmo 51 e clamando a Deus:

“Pai Misericordioso, pelo amor de Jesus Cristo, receba minha alma em Suas mãos!”.

Então, permaneceu em silêncio em meio às chamadas, sem chorar ou se mover, até que um dos guardas estourou seu cérebro com um machado. E então esse bom reitor de *Suffolk* morreu.

R o b e r t F e r r a r

O quarto notável reformador que sofreu no reinado de *Mary* foi *Robert Ferrar*, bispo de *St. David's*, no *País de Gales*. Ele foi queimado em *Carmarthen* na sexta-feira, 30 de março de 1555. Pouco se sabe sobre este bom homem além do fato de ele ter nascido em *Halifax* e por ter sido o último *Prior de Nostel*, em *Yorkshire*; um cargo que ele renunciou em 1540. Ele também foi capelão do arcebispo *Cranmer*, e por essa influência foi elevado à catedral episcopal.

Ele foi preso por várias acusações irrelevantes e ridículas sobre assuntos temporais. Ele foi levado perante *Gardiner*, com *Hooper*, *Rogers* e *Bradford* e acusado sobre um assunto muito mais sério, referente a sua doutrina. Os artigos apresentados contra ele mostram claramente que, em todas as questões de fé, ele estava de acordo com seus companheiros mártires.

Como *Hooper* e *Taylor*, ele foi sentenciado a ser queimado no local onde era mais conhecido e por isso ele foi enviado de Londres para *Carmarthen*. O que aconteceu em sua execução é relatado muito brevemente por *Foxe*, em parte, sem dúvida, por causa da grande distância entre *Carmarthen* e *Londres* naqueles dias pré-ferroviários; em parte, talvez, porque a maioria dos que viram *Ferrar* ser queimado, não falavam nada além do galês.

Registra-se um único fato que mostra a coragem do bom bispo sob uma luz impressionante. Ele havia dito a um amigo antes do dia da execução que, se o visse apenas uma vez agitar-se no fogo devido à dor de ser queimado, não precisaria acreditar nas doutrinas que havia ensinado. Quando chegou a hora terrível, ele não esqueceu sua promessa e, pela graça de Deus, ele a cumpriu muito bem. Permaneceu nas chamas estendendo as mãos até serem totalmente queimadas, então, um espectador misericordioso golpeou sua cabeça e pôs fim a seus sofrimentos. E assim o bispo galês morreu.

John Bradford

O quinto notável reformador que sofreu no reinado de *Mary* foi *John Bradford*, capelão do bispo *Ridley*. Ele foi queimado em *Smithfield* aos 35 anos na segunda-feira, 1º de julho de 1555. Poucos mártires ingleses, talvez, sejam mais conhecidos do que *Bradford* e nenhum certamente merece melhor reputação. *Strype* chama *Bradford*, *Cranmer*, *Ridley* e *Latimer* de os “quatro pilares principais” da Igreja Reformada da Inglaterra.

Desde tenra idade, seus talentos o recomendaram à atenção de homens de alto escalão, e ele foi nomeado um dos seis capelães reais que foram enviados pela Inglaterra para pregar as doutrinas da Reforma. O dever de *Bradford* era pregar em *Lancashire* e *Cheshire*, e ele parece ter cumprido isso com habilidade e sucesso. Ele pregava constantemente em *Manchester*, *Liverpool*, *Bolton*, *Bury*, *Wigan*, *Ashton*, *Stockport*, *Prestwich*, *Middleton* e *Chester* com grande sucesso para a causa do protestantismo e com grande efeito nas almas dos homens. A consequência foi o que se poderia esperar. Um mês após a ascensão da *Rainha Mary*, *Bradford* estava na prisão e nunca saiu dela até ser queimado.

Sua juventude, sua santidade e sua extraordinária reputação como pregador fizeram dele um objeto de grande interesse durante sua prisão, e imensos esforços foram feitos para desviá-lo da fé protestante. Todos esses esforços, no entanto, foram em vão. Assim como viveu, ele morreu.

No dia de sua execução, ele foi conduzido da prisão de *Newgate* para *Smithfield* por volta das nove horas da manhã, em meio a uma multidão de pessoas que nunca foram vistas antes, nem depois. A *Sra. Honeywood*, que viveu até a idade de 96 anos e morreu por volta de 1620, disse de ter ido vê-lo ser queimado e de seus sapatos terem sido pisoteados pela multidão. Na verdade, quando ele se aproximou da estaca, os xerifes de Londres ficaram tão alarmados com a pressão da multidão, que não permitiram que ele e seu companheiro de sofrimento, *Leaf*, orassem por quanto tempo desejassem. Eles disseram: “Levantem-se e acabem com isso; porque é grande a pressão do povo.”

“Com essa palavra”, disse *Foxe*, “os dois se levantaram e, em seguida, o mestre *Bradford* pegou um graveto nas mãos e o beijou, assim também o fez à estaca”. Quando ele chegou à estaca, ele ergueu as

mãos e, olhando para o céu, disse:

“Ó Inglaterra, Inglaterra, arrependa-se de seus pecados! Cuidado com a idolatria; cuidado com os enganos do anticristo! Tome cuidado para que ele não engane vocês!”

Depois disso, ele se voltou para o jovem *Leaf*, que sofria com ele, e disse:

“Tem bom ânimo irmão; pois teremos uma alegre ceia com o Senhor esta noite!”

Depois disso, ele não falou mais nada que o homem pudesse ouvir, exceto que abraçou o feixe de gravetos e disse:

“Estreita é a porta, e estreito é o caminho que conduz à vida eterna, e poucos são os que a encontram.”

“Ele abraçou as chamas”, disse Fuller, “como uma rajada de vento fresco em um dia quente de verão”. E então, no auge da vida, ele faleceu.

*Nicholas Ridley e Hugh
Latimer*

Os próximos notáveis reformadores que sofreram no reinado de Mary são dois, cujos nomes soam familiares a todo inglês: *Nicholas Ridley*, bispo de *Londres*, e *Hugh Latimer*, o bispo de *Worcester*. Ambos foram queimados em *Oxford*, costas com costas na mesma estaca, em 16 de outubro de 1555.

A história desses dois grandes protestantes ingleses é tão conhecida pela maioria das pessoas que não preciso falar muito sobre ela. Ao lado de *Cranmer*, não há dúvidas de que esses dois homens fizeram enormes esforços para trazer o estabelecimento dos princípios da Reforma à Inglaterra. *Latimer*, como um extraordinário pregador popular, e *Ridley*, como um homem culto e um administrador admirável da diocese metropolitana de *Londres*. Deixaram como legado, reputações que nunca poderão ser ultrapassadas. Naturalmente, eles estavam entre os primeiros que *Bonner* e *Gardiner* atacaram quando *Mary* subiu ao trono. Eles foram perseguidos com severidade implacável até a morte.

O fato de como eles foram examinados repetidamente pelos Comissários sobre os grandes pontos em controvérsia entre protestantes e Roma, e de como eles foram vergonhosamente atraídos, provocados e torturados por todo tipo de negociação injusta e irracional, como eles lutaram bravamente até o fim, e nunca cederam por um momento a seus adversários; todos esses são assuntos com os quais não preciso incomodar meus leitores. Não são todos amplamente narrados nas páginas da boa e velha obra de *Foxe*, “*O Livro dos Mártires*”? Por isso, mencionarei apenas algumas circunstâncias relacionadas à morte deles.

No dia agendado, foram levados separadamente para o local da execução, que ficava no final da *Broad Street, Oxford*, perto do *Balliol College*. *Ridley* chegou primeiro ao local e vendo *Latimer* vir depois, correu para ele e o beijou, dizendo:

“Tenha ânimo de coração, irmão; pois Deus irá abrandar a fúria das chamas ou então nos fortalecerá para suportá-la!”

O SANGUE DOS MÁRTIRES

Eles então oraram fervorosamente e conversaram entre si, embora ninguém pudesse ouvir o que eles estavam falando. Depois disso, eles tiveram que ouvir o sermão de um miserável clérigo, chamado *Smith*, e, sendo proibidos de dar qualquer resposta, foram ordenados a se prepararem para a morte. As últimas palavras de *Ridley* antes do fogo ser aceso foram estas:

“Pai Celestial, dou-te as mais sinceras ações de graças por me teres chamado a proclamar tua fé até a morte. Rogo-te, Senhor Deus, tenha misericórdia deste reino da Inglaterra, e livra-o de todos os seus inimigos”.

As últimas palavras de *Latimer* foram como o toque de uma trombeta, que ressoa até hoje:

“Tenha bom ânimo, Mestre Ridley, ao desempenhar seu papel de homem de Deus; hoje, pela graça de Deus, acenderemos uma luz na Inglaterra, da qual confio que nunca se apagará!”

Quando as chamas começaram a subir, *Ridley* gritou em alta voz em latim: “Em tuas mãos, ó Senhor,

eu recomendo meu espírito! Senhor, receba meu espírito”, e depois repetiu essas últimas palavras em inglês.

Latimer gritou com a mesma veemência do outro lado da estaca: “Pai do Céu, receba minha alma”. *Latimer* morreu logo. Um homem idoso, com mais de 80 anos de idade, demorou muito pouco para libertar seu espírito de sua habitação terrena.

Ridley sofreu longa e dolorosamente com a má gestão do fogo por aqueles que realizaram a execução. Por fim, porém, as chamas alcançaram uma parte vital dele, e ele caiu aos pés de *Latimer*. E então os dois grandes bispos protestantes faleceram. Eles foram adoráveis e magníficos em suas vidas, e na morte não foram separados.

J o h n P h i l p o t

O Arquidiácono de *Wincheste*, *John Phipot*, foi o oitavo líder reformador inglês que sofreu no reinado de *Mary*. Ele foi queimado em *Smithfield* na quarta-feira, 18 de dezembro de 1555. *Philpot* é um dos mártires dos quais sabemos pouco comparativamente

aos outros. Sabemos que ele nasceu em *Compton*, em *Hampshire*, era de boa família e tinha alta notoriedade nos estudos. O mero fato de ter sido ele, no início do reinado de *Mary*, um dos principais defensores do protestantismo diante dos escárnios que ocorreram na Convocação, é suficiente para mostrar que ele não era um homem comum.

Os treze escrutínios de *Philpot* perante os bispos papistas são relatados por Foxe em grande extensão, e preenchem não menos que cento e quarenta páginas de um dos volumes da *Parker Society*. A habilidade com que o arqui-diácono manteve sua posição, sozinho e sem ajuda, dá uma impressão muito favorável de sua erudição, coragem e paciência.

Na noite anterior à sua execução, ele recebeu uma mensagem, enquanto jantava em *Newgate*, informando que ele seria queimado no dia seguinte. Ele respondeu imediatamente: “Estou pronto! Deus me conceda força e uma ressurreição alegre”. Ele então foi para o seu quarto e agradeceu a Deus por ser considerado digno de sofrer por Sua Verdade.

Na manhã seguinte, às oito horas, os xerifes o chamaram e o conduziram a *Smithfield*. A estrada

estava suja e lamacenta, pois era inverno, e os oficiais o pegaram pelos braços para conduzi-lo até a fogueira. Depois disse alegremente, aludindo ao que provavelmente tinha visto em Roma, quando viajara nos seus primeiros dias, disse: “O que queres fazer-me Papa? Estou contente por partir a pé para o final de minha jornada”.

Quando ele veio para *Smithfield*, ele se ajoelhou e disse: “Vou cumprir minhas promessas a você, ó *Smithfield*”. Ele então beijou a estaca e disse:

“Devo desdenhar de sofrer nesta estaca, visto que meu Redentor não se recusou a sofrer a mais vil morte na cruz por mim?”

Depois disso, ele humildemente repetiu os Salmos 106, 107 e 108; e sendo acorrentado à estaca, morreu silenciosamente.

T h o m a s C r a n m e r

O nono e último notável reformador que sofreu no reinado de *Mary* foi *Thomas Cranmer*, arcebispo de *Canterbury*. Ele foi morto em *Oxford*, em 21 de março

de 1556. Não há nome entre os mártires ingleses tão conhecidos na história como o dele. Certamente, não há nenhum na lista dos Reformadores a quem a Igreja da Inglaterra, como um todo, esteja tão endividada. Ele era apenas um homem mortal e tinha suas fraquezas e enfermidades, mas, ainda assim, ele era um grande e bom homem.

Devemos sempre lembrar que *Cranmer* adquiriu proeminência num período relativamente inicial da Reforma Inglesa, e foi feito arcebispo de *Canterbury* numa época em que suas visões da religião eram confessadamente malformadas e imperfeitas. Sempre que citações dos escritos de *Cranmer* forem apresentadas pelos defensores do semi-romanismo na Igreja da Inglaterra, você deve perguntar cuidadosamente a que período de sua vida essas frases pertencem. Ao formar sua opinião sobre *Cranmer*, não se esqueça de seus antecedentes. Ele foi um homem que teve a honestidade de reformular seu caminho para a luz mais plena, e de deixar de lado suas primeiras convicções e confessar que havia mudado de ideia em muitos assuntos. Quão poucos homens têm coragem de fazer isso!

Embora frequentemente colocado nas posições mais delicadas e difíceis, *Cranmer* manteve uma reputação ilibada durante os reinados de *Henrique VIII* e *Eduardo VI*. Nenhum homem, além de *Cranmer*, poderia ser nomeado naqueles dias que tenha passado por tanta sujeira, mas ainda assim tenha saído dela tão completamente imaculado.

Cranmer, sem dúvida, lançou as bases dos livros “*Common Prayer*” e do “*39 Articles of Religion*”. Embora talvez não fosse o que se pode chamar de um homem brilhante, ele era um homem culto, um admirador de homens eruditos, e alguém que estava sempre tentando melhorar tudo ao seu redor. Quando considero as imensas dificuldades com as quais ele teve que lidar, muitas vezes me pergunto como ele conseguiu fazer o que fez. Na verdade, nada, exceto sua constante perseverança, teria lançado a base de tal trabalho.

Digo todas essas coisas para romper com força o grande e inegável fato de que ele foi o único Reformador inglês que por um período mostrou bandeira branca, e que por um tempo evitou morrer pela verdade! Admito que ele caiu tristemente. Não

pretendo atenuar sua queda. É uma prova eterna de que o melhor dos homens é apenas um homem no melhor dos aspectos. Só quero que meus leitores se lembrem de que se *Cranmer* falhou como nenhum outro Reformador falhou na Inglaterra, ele também fez o que certamente nenhum outro Reformador fez.

A partir do momento em que *Mary* subiu ao trono inglês, *Cranmer* foi selado para a destruição. É provável que não houvesse nenhum clérigo inglês a quem a desastrosa rainha considerasse com tanto rancor e ódio. Ela nunca se esqueceu de que o divórcio de sua mãe foi provocado pelo conselho de *Cranmer*, e ela nunca descansou até que ele fosse queimado.

Cranmer foi preso e examinado como *Ridley* e *Latimer*. Como eles, ele se manteve firme diante dos comissários. Como eles, ele tinha os melhores argumentos em todos os pontos conversados. Mas, como eles, é claro, ele foi declarado culpado de heresia, condenado e sentenciado a ser queimado.

E agora vem o doloroso fato de que, no último mês de vida de *Cranmer*, sua coragem lhe faltou e ele foi persuadido a assinar uma retratação de suas opiniões protestantes. Lisonjeado e bajulado pela gentileza sutil,

assustado com a perspectiva de uma morte tão terrível, como o medo de ser queimado, tentado e enganado pelo diabo, *Thomas Cranmer* colocou a mão em um papel, no qual repudiou e renunciou aos princípios da Reforma, princípios pelos quais ele havia zelado por tanto tempo.

Grande foi a tristeza de todos os verdadeiros protestantes ao ouvirem essas notícias! Grande foi o triunfo e a exultação de todos os papistas! Se eles tivessem parado e posto sua nobre vítima em liberdade, o nome de *Cranmer* provavelmente teria afundado e nunca mais ressurgiria. Mas o partido romano, como aprouve a Deus, se superou. Com crueldade diabólica, eles resolveram queimar *Cranmer*, mesmo depois da retratação! Isso, pela providência de Deus, foi apenas o ponto de virada para a reputação de *Cranmer*. Pela graça abundante de Deus, ele se arrependeu de sua queda e encontrou a misericórdia divina. Pela mesma graça abundante, ele decidiu morrer na fé reformada. E, por fim, com graça abundante, ele testemunhou uma confissão tão ousada em *St. Mary's, Oxford*, que chegou a confundir seus inimigos.

Eu quase não preciso lembrar que, no dia 21 de março, o desafortunado Arcebispo foi trazido, como Sansão nas mãos dos filisteus, para servir de diversão aos seus inimigos e ser um objeto de espetáculo ao mundo na Igreja de *St. Mary's*, em *Oxford*. Eu mal preciso lembrá-los como, após o sermão do *Dr. Cole*, ele foi convidado a declarar sua fé e era esperado que ele reconhecesse publicamente sua adesão à Igreja de Roma. Eu mal preciso lembrá-los como, com intenso sofrimento mental, o Arcebispo se dirigiu longamente à assembleia e, de repente, surpreendeu seus inimigos renunciando a todas as suas retratações anteriores, declarando que o Papa era o Anticristo e rejeitando por completo a doutrina papista.

Mas então, chegou a hora do triunfo de *Cranmer*. Com o coração leve e a consciência limpa, ele alegremente se permitiu ser levado às pressas para a fogueira em meio aos clamores frenéticos de seus desapontados inimigos. Corajosamente e destemidamente, ele se levantou na fogueira enquanto as chamas o envolviam, segurando firmemente sua mão direita no fogo, referindo-se a ter assinado uma retratação e disse: "*Esta mão direita indigna*", enquanto

firmente erguia sua mão esquerda em direção ao céu. De todos os mártires, é estranho dizer, que nenhum no último momento mostrou mais coragem física do que *Cranmer*. Em suma, nada em toda a sua vida foi-lhe tão benéfico, como a maneira que ele a deixou. Ele pecou profundamente, mas ele se arrependeu profundamente. Como Pedro, ele caiu, mas como Pedro, ele renasceu. E assim faleceu o primeiro arcebispo protestante de *Canterbury*.

Não vou confiar em mim mesmo para fazer nenhum comentário sobre essas histórias dolorosas e interessantes. Eu não tenho tempo. Só desejo que meus leitores saibam que metade das histórias desses homens não lhes foram contadas e que as histórias de dezenas de homens e mulheres menos distintos, podem ser facilmente acrescentadas; histórias tão dolorosas e interessantes quanto a deles. Mas digo, ousadamente, que os homens que foram queimados dessa maneira não são homens cujas memórias deveriam ser ignoradas, ou cujas opiniões deveriam ser menosprezadas.

Opiniões pelas quais “um exército de mártires” morreu não deveriam ser rejeitadas com desprezo. À

O SANGUE DOS MÁRTIRES

sua fidelidade, devemos a existência da Igreja Reformada da Inglaterra. Suas fundações foram cimentadas com sangue. À coragem deles devemos, em grande medida, nossa liberdade inglesa. Eles ensinaram a todos que valia a pena morrer pelo pensamento livre. Feliz a terra que teve tantos cidadãos como esses! Feliz é a Igreja que teve esses Reformadores! Honra seja para aqueles que em *Smithfield, Oxford, Gloucester, Carmarthen e Hadleigh*, levantaram pedras comemorativas e memorial aos mártires!



*A Principal Razão
Pela Qual Eles Foram
Queimados*

Mas passo a um ponto que considero de fundamental importância atualmente. O ponto a que me refiro é a razão especial pela qual nossos reformadores foram queimados. Grande seria, de fato, o nosso erro, se supuséssemos que eles sofreram apenas pela vaga acusação de recusar a submissão ao Papa ou por desejar manter a independência da Igreja da Inglaterra. Nada disso! A razão principal pela qual eles foram queimados, foi porque eles recusaram uma

das doutrinas peculiares da Igreja Romana. Sobre essa doutrina, em quase todos os casos, o que estava em jogo era a vida deles. Se eles confessassem tal doutrina, eles poderiam viver; se eles recusassem, eles deveriam morrer!

A doutrina em questão era a presença real do corpo e do sangue de Cristo nos elementos consagrados do pão e do vinho na Santa Ceia do Senhor. Eles criam que o corpo e o sangue de Cristo estavam corporalmente, literalmente, localmente e materialmente, presentes sob as formas de pão e vinho depois que as palavras de consagração eram pronunciadas. Acreditavam que o verdadeiro corpo de Cristo, nascido da Virgem Maria, estava presente no chamado altar, assim que as palavras místicas passavam pelos lábios do sacerdote. Por acaso, tais Reformadores aceitaram tal doutrina? Essa é uma pergunta simples. Eles não creram e nem admitiram tal ignomínia, por isso foram queimados!

Há uma unidade maravilhosa e notável nas histórias de nossos mártires sobre esse assunto. Alguns deles, sem dúvida, foram atacados por causa do casamento de clérigos. Alguns deles foram agredidos

sobre a natureza da Igreja Católica. Alguns deles foram atacados em outros pontos. Mas todos, sem exceção, foram chamados a prestar contas de maneira especial sobre a presença real do corpo e do sangue de Cristo na Santa Ceia, e em todos os casos a recusa em admitir tal doutrina constituiu uma das principais causas de suas condenações.

(1) Ouça o que *John Rogers* disse: “Fui questionado se eu acreditava que o sacramento era o próprio corpo e sangue de nosso Salvador Cristo que nasceu da Virgem Maria e foi pendurado na cruz, real e substancialmente? Eu respondi: ‘Acho que é falso. Não posso entender que real e substancialmente signifique outra coisa senão corporalmente. Mas corporalmente Cristo está apenas no Céu e, portanto, Cristo não pode estar corporalmente em seu sacramento’”.

E, assim, ele foi condenado e queimado.

(2) Ouça o que foi dito sobre o bispo *Hooper*: “*Tunstall* perguntou ‘se ele acreditava na presença corporal no sacramento’, e *Mestre Hooper* disse claramente ‘que não havia tal coisa, e que ele não poderia crer em tal coisa’. Diante disso, pediram aos notários que escrevessem que ele era casado e que não

se afastaria da esposa, e que não acreditava na presença corpórea de Cristo no sacramento, por isso era adequado que fosse despojado de seu episcopado”.

E então ele foi condenado e queimado.

(3) Ouça o que *Rowland Taylor* disse: “A segunda causa pela qual fui condenado como herege foi que neguei a transubstanciação e a concomitância, duas palavras de malabarismo pelas quais os papistas acreditam que o corpo natural de Cristo é feito de pão, e que a Divindade se une a ele; de modo que imediatamente após as palavras da consagração, não há mais pão e vinho no sacramento, mas a substância apenas do corpo e sangue de Cristo. Porque neguei tal doutrina papista (sim, é absolutamente claro, doutrina idólatra, perversa, blasfema e herética), fui julgado como um herege.”

E, assim, ele foi condenado e queimado.

(4) Ouça o que foi feito com o *Bispo Ferrar*. Ele foi intimado a “consentir sobre a presença natural de Cristo no sacramento sob a forma de pão e vinho” e, por se recusar a confessar tal doutrina, assim como outros, foi condenado. E na sentença de condenação, é finalmente imputado a ele a culpa de ter sustentado

que “o sacramento do altar não deve ser ministrado sobre um altar, ou elevado, ou adorado de qualquer forma”.

E então ele foi queimado.

(5) Ouça o que o santo *John Bradford* escreveu aos homens de *Lancashire* e *Cheshire* quando estava na prisão: “A principal coisa pela qual sou condenado como herege é porque nego o sacramento do altar (que não é a Ceia de Cristo, mas pura perversão dos papistas). Fui considerado um herege porque nego a transubstanciação, que é a queridinha do diabo, e filha e herdeira da religião do Anticristo”.

E assim ele foi condenado e queimado.

(6) Ouça quais foram as palavras da sentença de condenação contra o bispo *Ridley*: “O dito *Nicholas Ridley* afirma, mantém e defende obstinadamente certas opiniões, afirmações e heresias, contrárias à Palavra de Deus e à fé recebida da Igreja, como negar que o corpo e o sangue verdadeiros e naturais de Cristo estejam no sacramento do altar e, secundariamente, afirmando que a substância do pão e do vinho permanece após as palavras da consagração”.

E assim ele foi condenado e queimado.

O SANGUE DOS MÁRTIRES

(7) Ouça as acusações reiteradas contra o bispo *Latimer*: “Você afirmou abertamente, defendeu e sustentou que o corpo verdadeiro e natural de Cristo após a consagração do sacerdote não está realmente presente no sacramento do altar, e que no sacramento do altar permanecem ainda a substância do pão e do vinho.” A esta acusação o bom e velho *Latimer* respondeu: “A despeito de um ser corpóreo, que a Igreja Romana quer oferecer, o corpo e o sangue de Cristo não estão no sacramento sob as formas de pão e vinho”.

E assim ele foi condenado e queimado.

(8) Ouça o discurso proferido pelo bispo *Bonner* a *John Philpot*: “Você ofendeu e transgrediu o sacramento do altar, negando que a presença real do corpo e sangue de Cristo estivesse lá, afirmando também que o pão e o vinho materiais permaneciam no sacramento, e não a substância do corpo e sangue de Cristo”.

E porque o bom homem aderiu firmemente a essa opinião, ele foi condenado e queimado.

(9) Ouça, por último, o que *Cranmer* disse quase com seu último suspiro, na Igreja de *St. Mary's, Oxford*: “Quanto ao sacramento, creio, como ensinei em meu

livro contra o Bispo de *Winchester*, livro no qual ensino uma doutrina tão verdadeira. que permanecerá no último dia antes do julgamento de Deus quando a doutrina papista contrária a ela terá vergonha de mostrar sua face”.

Se alguém quiser saber o que *Cranmer* disse neste livro, tome a seguinte frase como exemplo: “Os papistas dizem que Cristo está corporalmente sob ou na forma de pão e vinho. Dizemos que Cristo não está ali, nem corporalmente, nem espiritualmente; mas antes está naqueles que comem e bebem o pão e o vinho dignamente, Ele está espiritualmente e corporalmente no Céu.”

E então ele foi queimado.

Bem, os reformadores ingleses estavam certos em serem tão inflexíveis nessa questão da presença corpórea e real de Cristo na Santa Ceia? Era um ponto de tamanha vital importância que eles prefeririam morrer do que confessar? Essas são perguntas, eu suspeito, que são muito enigmáticas para muitas mentes que não querem refletir sobre o assunto. Receio que tais mentes possam ver em toda a controvérsia sobre essa doutrina, nada além de uma

disputa de palavras. Mas são perguntas, ousou dizer, sobre as quais nenhum leitor bem instruído da Bíblia pode hesitar por um momento em dar sua resposta. Tal pessoa dirá imediatamente que a doutrina romana da presença real ataca a própria raiz do Evangelho, e é a própria cidadela e fundamento do papado. Os homens podem não perceber isso a princípio, mas é um ponto que deve ser cuidadosamente lembrado. Ela lança uma luz clara e ampla sobre o posicionamento que os reformadores tomaram e a firmeza inabalável com que morreram por essa posição.

O que quer que os homens desejem pensar ou dizer, essa doutrina romanista, se seguida até as últimas consequências, obscurece todas as principais doutrinas do Evangelho, danifica e interfere com todo o sistema da verdade de Cristo! Conceda por um momento que a Ceia do Senhor seja um sacrifício, e não um sacramento; conceda que todo aquele que come do pão consagrado e bebe do vinho consagrado realmente come e bebe o corpo e o sangue naturais de Cristo; conceda por um momento essas coisas, e então verá que consequências desastrosas resultarão de tal premissa.

Você arruinará a bendita doutrina da obra consumada de Cristo quando morreu na cruz. Um sacrifício que precisa ser repetido não é um sacrifício perfeito e completo. Você arruinará o ofício sacerdotal de Cristo. Se existem sacerdotes que podem oferecer um sacrifício aceitável a Deus além de Cristo, o grande Sumo Sacerdote é roubado de Sua glória. Você arruinará a doutrina bíblica do ministério cristão. Você exalta os homens pecadores na posição de mediadores entre Deus e o homem. Você dá aos elementos sacramentais do pão e do vinho uma honra e veneração que eles nunca deveriam receber, e produz uma idolatria a ser abominada pelos cristãos fiéis. Por último, mas não menos importante, você derruba a verdadeira doutrina da natureza humana de Cristo. Se o corpo nascido da Virgem Maria pode estar em mais lugares do que um ao mesmo tempo, não é um corpo como o nosso, e Jesus não foi “o segundo Adão” na verdade de nossa natureza.

Não posso duvidar por um momento que nossos Reformadores martirizados viram e sentiram essas coisas ainda mais claramente do que nós e, vendo e sentindo-as, preferiram morrer à admitir essa

O SANGUE DOS MÁRTIRES

doutrina. Eles não cederam nem se sujeitaram por um momento sequer, mas alegremente entregaram suas vidas. Que este fato fique profundamente gravado em nossas mentes. Onde quer que a língua inglesa seja falada na face da terra, esse fato deve ser claramente compreendido por todo inglês que lê história. Em vez de admitir a doutrina da presença real do corpo e sangue naturais de Cristo sob a forma do pão e do vinho, os Reformadores da Igreja da Inglaterra preferiram ser queimados!



A Importância Desse Assunto

E agora devo pedir a atenção especial de meus leitores, enquanto procuro demonstrar a importância desse assunto para nossa própria situação e para o nosso próprio tempo. Devo pedir-lhes que voltem dos mortos para os vivos, que desviem o olhar da Inglaterra de 1555 para a Inglaterra nesta era iluminada e avançada, e para considerar seriamente a luz que as chamas que queimaram nossos Reformadores lançam sobre a Igreja da Inglaterra atualmente.

Vivemos em um momento crucial. O horizonte eclesiástico por todos os lados é sombrio e nefasto. O constante progresso do Ritualismo e dos Ritualistas extremos estão sacudindo os alicerces da Igreja da Inglaterra. É primordial entender claramente o que tudo isso significa. Um diagnóstico correto da doença é o primeiro passo para um tratamento bem-sucedido. O médico que não vê qual é o motivo do problema, provavelmente nunca chegará à cura.

Por isso, digo que não pode haver erro maior do que supor que a grande controvérsia de nossos tempos é uma mera questão de vestimentas e ornamentos; de mais ou menos decorações na igreja; de mais ou menos velas e flores; de mais ou menos reverências e sinais da cruz; de mais ou menos gestos e posturas; de mais ou menos manifestações e formalidades.

O homem que imagina que toda controvérsia é mera estética, uma questão de gosto, como a moda e o estilo de roupas, deve permitir-me dizer-lhe que está totalmente enganado! Ele pode sentar-se na praia, como o filósofo epicurista, sorrindo para tempestades teológicas, e se gabar de que estamos apenas discutindo sobre coisas irrelevantes; mas devo dizer-lhe que sua

filosofia é muito rasa e que seu conhecimento da controvérsia desta nossa época é muito superficial.

Posso até conceder que as coisas de que falei são ninharias. Mas tais coisas são ninharias perniciosas, porque são a expressão externa de uma doutrina interna. São marcas na pele, sintomas de um câncer devastador. São pragas que revelam uma venenosa peste interna. São fumaças ondulantes que surgem de um vulcão secreto de malevolências. Eu por exemplo, nunca faria qualquer alvoroço contrário as ostentações na igreja, ou incenso, ou velas, se eu pensasse que eles não significassem nada além de superficialidades. Mas eu acredito que eles demonstram muito erro e falsa doutrina e, portanto, protesto publicamente contra eles, e digo que aqueles que os apoiam devem ser alertados.

Dou isso como minha opinião própria: “A raiz de todo o sistema ritualístico é a perigosa doutrina da presença real do corpo e sangue naturais de Cristo na Ceia do Senhor sob a forma de pão e vinho consagrados”. Essa presença real é o princípio básico do Ritualismo. Essa presença real é o que os membros extremistas da turma do ritualismo querem trazer de

volta para a Igreja da Inglaterra. E assim como nossos reformadores martirizados foram para a fogueira ao invés de admitir a presença real, então eu sustento que devemos fazer qualquer sacrifício que seja necessário e lutar até o amargo fim, ao invés de permitir que a doutrina papista sobre a presença de Cristo na Ceia do Senhor volte em qualquer forma em nossa Comunhão.

Não vou cansar meus leitores com citações como prova do que afirmo. Mas peço a qualquer mente reflexiva que considere e discirna o que pode ser visto em qualquer lugar de adoração ritualística. Atente-se para a veneração supersticiosa e a honra idólatra com que tudo dentro do santuário, ao redor e sobre a mesa do Senhor, é realizado. Eu ousadamente peço a qualquer júri de homens honestos e sem preconceitos que olhe para aquela “*capela-mor*” e para a mesa da comunhão e me diga o que eles acham que tudo isso significa. Eu pergunto a eles se a coisa toda não tem o sabor da doutrina romanista da presença real e do sacrifício na missa.

Eu acredito que se *Bonner* e *Gardiner* tivessem visto os santuários e mesas da comunhão de algumas das igrejas de hoje, eles teriam levantado suas mãos e se

alegrado; enquanto *Ridley*, bispo de Londres, e *Hooper*, bispo de *Gloucester*, teriam se afastado com justa indignação e dito: “Esta mesa da comunhão não foi feita para a Ceia do Senhor, mas para falsificação, para a idólatra Missa Papista!”

Vale ressaltar que não nego, nem por um momento o zelo, seriedade e sinceridade dos Ritualistas radicais; embora eu possa dizer a mesma coisa dos fariseus ou dos jesuítas. Não nego que vivemos em um país singularmente livre e que os ingleses, hoje em dia, têm liberdade para cometer qualquer loucura que quiserem; exceto o crime. Mas eu nego que qualquer clérigo, por mais zeloso e sério que seja, tenha o direito de reintroduzir o papado na Igreja da Inglaterra. E, acima de tudo, nego que ele tenha qualquer direito de manter o próprio princípio da Presença Real, por oposição à qual os Reformadores de sua Igreja foram queimados.

A pura verdade é que a doutrina dessa escola Ritualística sobre a Ceia do Senhor nunca poderá ser reconciliada com as opiniões agonizantes de nossos Reformadores martirizados. Os membros desta escola podem protestar em voz alta, dizendo que são homens

zelosos da Igreja, mas certamente não são homens da Igreja com as mesmas opiniões dos mártires sob o reinado de *Mary*. Se as palavras significam alguma coisa, *Hooper*, *Rogers*, *Ridley*, *Bradford* e seus companheiros teriam uma visão bem clara da presença real de Cristo na Ceia. Se eles estão certos, então os Ritualistas estão errados. Existe um abismo intransponível entre as duas partes. Há uma completa diferença que jamais poderá ser reconciliada ou prescrita. Se nos mantivermos com um lado, então não poderemos nos apoiar em outro. De minha parte, digo, sem hesitar, que tenho mais fé em *Ridley*, *Hooper* e *Bradford*, do que em todos os líderes do partido ultraritualístico.

Mas o que devemos fazer? O perigo é muito grande; temo que muito maior do que a maioria das pessoas supõe. Uma conspiração está em ação há muito tempo para “*desprotestantizar*” a Igreja da Inglaterra, e todas as energias de Roma estão concentradas nesta batalha. Um processo para minar e se infiltrar em nossos alicerces está acontecendo há muito tempo sob nossos olhos, do qual finalmente começamos a ver um pouco. Veremos muito mais em breve. No ritmo que

estamos indo, não me surpreenderia se dentro de cinquenta anos a coroa da Inglaterra não estivesse mais sobre uma cabeça protestante e a missa solene fosse mais uma vez celebrada na *Westminster Abbey* e na *St. Paul's*! O perigo, em palavras claras, não é nem mais nem menos do que a nossa Igreja ser “desprotestantizada”. Seria como voltar para a Babilônia e o Egito. Estamos em perigo iminente de um reencontro com Roma.

Podem me chamar de alarmista se quiserem. Mas eu respondo, tenho um motivo para tais alertas. As classes altas nesta terra estão amplamente infectadas com o gosto por uma religião sensual, histriônica e cheia de formalidades. As classes inferiores estão se familiarizando tristemente com todo o cerimonialismo. Tal cerimonialismo é o trampolim para o papismo. As classes médias estão ficando enojadas com a Igreja da Inglaterra e se perguntam qual é a utilidade dela. As classes intelectuais estão dizendo que todas as religiões são igualmente boas ou igualmente más. A *Câmara dos Comuns* não fará nada a menos que seja pressionada pela opinião pública. E durante todo esse tempo, o Ritualismo cresce e se

espalha. O navio está à deriva, fortes ondas estão batendo na proa. Algo precisa ser feito se quisermos escapar do naufrágio.

Nada menos do que a própria vida da Igreja da Inglaterra está em jogo. Tire o Evangelho de uma igreja e essa igreja não será preservada. Um poço sem água, uma bainha sem espada, um motor a vapor sem fogo, um navio sem bússola e leme, um relógio sem mola principal, uma carcaça empalhada sem vida; tudo isso é inútil. Mas não há nada mais inútil do que uma igreja sem o Evangelho. E esta é a própria pergunta que nos assusta: “A Igreja da Inglaterra reterá o Evangelho ou não?” Sem ele, em vão nos voltaremos para nossos arcebispos e bispos, em vão nos gloriaremos em nossas catedrais e igrejas. “*Icabode*” (a glória do Senhor se foi) em breve estará escrito nas paredes de nossos templos. A arca de Deus não estará mais conosco. Certamente algo deve ser feito!

Uma coisa, porém, está muito clara para mim. Não devemos abandonar levemente a Igreja da Inglaterra. Não! Enquanto seus Artigos e Formulários permanecerem inalterados e intocados, não devemos abandoná-la. Covarde e vil é aquele marinheiro que

lança o bote salva-vidas e abandona o navio enquanto há chances de salvá-lo. Covarde, eu digo, é aquele clérigo protestante que fala em separação porque as coisas a bordo de nossa Igreja estão momentaneamente fora de ordem. Devemos lutar, embora alguns membros da tripulação sejam traidores e outros estejam dormindo! Devemos lutar, mesmo que o velho navio tenha alguns vazamentos e o cordame ceda em alguns lugares! Ainda assim, mantenho que ainda há muito a ser feito.

Ainda há vida no velho navio! O grande Piloto ainda não o abandonou. A bússola da Bíblia ainda está no convés. Ainda restam a bordo alguns marinheiros fiéis e capazes. Contanto que os Artigos e Formulários não sejam romanizados, vamos continuar lutando no navio. Enquanto a igreja tiver Cristo e a Bíblia, vamos apoiá-la até a última tábuia, hastear nossa bandeira no mastro e jamais arriá-la. Mais uma vez digo: Não sejamos enganados, intimidados, atemorizados, convencidos, ou instigados a abandonar a Igreja da Inglaterra.

Em nome do Senhor, levantemos nossos estandartes. Se algum dia encontrarmos *Ridley, Latimer*

O SANGUE DOS MÁRTIRES

e *Hooper*, no mundo celestial, não teremos vergonha, pois lutamos bravamente pelas verdades pelas quais eles morreram para preservar. A Igreja da Inglaterra espera que todo clérigo protestante cumpra seu dever. Não vamos apenas falar, mas agir. Não vamos apenas agir, mas orar. Agora, porém, quem tem bolsa, tome-a, como também o alforje; e o que não tem espada, venda a sua capa e compre uma (Lc 22:36).

O Sangue dos mártires clama em alta voz! O que diz essa voz? Ela grita, de *Oxford*, *Smithfield* e *Gloucester*: “Resiste até a morte a doutrina papista da presença real!”



Quem foi J. C. Ryle?

John Charles Ryle nasceu numa família rica, elite social em 10 de maio de 1816 — sendo o filho primogénito de John Ryle, um banqueiro, e a sua esposa Susanna (Wirksworth) Ryle. Como primogénito, John viveu uma vida privilegiada e foi destinado a herdar todos os bens do seu pai e a seguir uma carreira no Parlamento. O seu futuro prometeu ser confortável e sem necessidades materiais.

J. C. Ryle frequentou uma escola privada e depois ganhou bolsas de estudos académicas para Eton (1828) e para a Universidade de Oxford (1834), mas destacou-se no esporte. Deixou a sua marca em particular no

remo e no críquete. Embora a sua procura por esportes fosse de curta duração, alegou que lhe deram dons de liderança. “Isso me deu poder para comandar, organizar, coordenar, observar a capacidade de cada homem e colocá-los nos lugares onde eram mais adequados, portadores e tolerantes. Mantendo-os à minha volta em bom humor, o que encontrei de infinita utilidade em muitas ocasiões na vida”.

Em 1837, antes da graduação, Ryle contraiu uma grave infecção no peito, que o levou a recorrer à Bíblia e à oração pela primeira vez em mais de catorze anos. Um domingo entrou a tarde na igreja, e Efésios 2:8 estava sendo lido lentamente, frase por frase. John sentiu que o Senhor lhe falava pessoalmente, e afirmou ter sido convertido nesse momento através da Palavra, sem qualquer comentário ou sermão.

O seu biógrafo escreveu: “Ele estava condenado e converteu-se, e desde esse momento até a última sílaba gravada nesta vida, sem dúvida, o que permaneceu sempre na mente de John é o fato de que a Palavra de Deus é viva e poderosa, mais afiada do que qualquer espada de dois gumes”. Após a graduação em Oxford, John foi para Londres estudar direito para a sua

carreira na política, mas em 1841, o banco do seu pai faliu. Era o fim da carreira na política, pois não tinha fundos para continuar.

Em anos posteriores, John escreveu: “Levantamos uma manhã de verão com todo o mundo à nossa frente, como de costume, e fomos para a cama nessa mesma noite completamente arruinados. As consequências imediatas foram amargas e dolorosas ao extremo, sendo humilhantes ao máximo”.

E noutra altura, disse: “O fato simples era que não havia ninguém da família a quem tocou mais do que a mim. O meu pai e a minha mãe já não eram jovens e estavam na decadência da vida; os meus irmãos e irmãs, claro, nunca esperavam viver em Henbury (a casa da família) e naturalmente nunca pensaram nela como a sua casa depois de um certo tempo. Eu, pelo contrário, como o filho mais velho, vinte e cinco anos, perdi tudo, vi todo o meu futuro jogado em confusão”.

Depois desta ruína financeira, Ryle era um plebeu — tudo num dia. Pela primeira vez na sua vida, ele precisava de um emprego. A sua educação qualificou-o para o clero, pelo que, com o seu diploma de Oxford, foi ordenado e entrou no ministério da Igreja da

Inglaterra. Prosseguiu numa direção totalmente diferente, com a sua primeira missão no ministério em Exbury, em Hampshire, no qual era uma zona rural cheia de doenças. A sua infecção pulmonar recorrente dificultou o seu período naquela cidade, até ser transferido para St. Thomas em Winchester. Com a sua presença imponente, princípios apaixonados, e disposição calorosa, a congregação de John cresceu de tal forma que precisou de diferentes acomodações.

Ryle aceitou uma posição em Helmington, Suffolk, onde teve muito tempo para ler teólogos como Wesley, Bunyan, Knox, Calvin e Luther. Ele era um contemporâneo de Charles Spurgeon, Dwight Moody, George Mueller e Hudson Taylor. Viveu na época de Dickens, Darwin e da Guerra Civil Americana. Tudo isto influenciou a compreensão e a teologia de Ryle.

A sua carreira de escritor começou a partir da tragédia da ponte suspensa Great Yarmouth. Em 9 de maio de 1845, uma grande multidão reuniu-se para as festividades oficiais de abertura, mas a ponte ruiu e mais de uma centena de pessoas mergulharam na água e afogaram-se.

O incidente chocou todo o país, mas levou Ryle a escrever o seu primeiro tratado. Ele falou das incertezas da vida e da provisão segura da salvação de Deus através de Jesus Cristo. Milhares de exemplares foram vendidos. Nesse mesmo ano, ele se casou com Matilda Plumptre, mas ela morreu após dois anos, deixando-o com uma filha menor. Em 1850, ele se casou com Jessie Walker, mas ela teve uma doença prolongada, que fez com que Ryle cuidasse dela e da sua família em crescimento (três filhos e outra filha) durante dez anos até à sua morte. Em 1861, foi transferido para Stradbroke, Suffolk, onde se casou com Henrietta Clowes.

Stradbroke, Suffolk, foi a última paróquia de Ryle, e ganhou reputação pela sua simples pregação e evangelismo. Além das suas viagens e pregações, ele passou algum tempo a escrever. Escreveu mais de 300 panfletos, folhetos e livros. Os seus livros incluem Pensamentos Expositivos sobre os Evangelhos (7 Volumes, 1856 – 1869), Princípios para os clérigos (1884), Home Truths, Knots Untied, Old Paths, and Santidade. Seu livro “Líderes cristãos do século XVIII” (1869) é descrito como tendo “frases curtas e concisas;

lógica e penetrante percepção do poder espiritual”. Este parece ser o caso da maior parte dos seus escritos. Enquanto pregava e escrevia Ryle tinha 5 diretrizes em mente:

- (1) Ter uma visão clara do assunto
- (2) Usar palavras simples
- (3) Usar um estilo simples de composição
- (4) Ser direto
- (5) Usar muitas anedotas e ilustrações

Em todo o seu sucesso com a escrita, utilizou os direitos de autor para pagar as dívidas do seu pai. Ele pode ter se sentido em dívida com essa ruína financeira, pois disse: “Não tenho a menor dúvida, foi tudo planejado para um bem maior. Se eu não tivesse sido arruinado, nunca teria sido um clérigo, nunca teria pregado um sermão e nunca teria escrito um folheto ou livro”.

Apesar de todas as provações que Ryle sofreu — ruína financeira, perda de três esposas e sua própria saúde precária, ele aprendeu várias lições de vida.

Em primeiro lugar; cuidar da sua própria família. Segundo; nadar contra a maré quando for necessário.

Era evangélico antes de ser popular e apegou-se aos princípios da Escritura: justificação apenas pela fé, expiação substitutiva, a Trindade e a pregação. Terceiro; atitudes cristãs exemplares em relação aos seus oponentes. Quarto; aprender e compreender a história da igreja, pois os benefícios importantes vêm de gerações passadas. Quinto; servir na velhice. E, sexto; perseverar nas suas provações. Estes foram princípios de vida que Ryle aprendeu enquanto vivia a sua vida, enquanto pregava, enquanto escrevia e enquanto espalhava o evangelho. Foi para sempre um defensor do evangelismo e um crítico do ritualismo.

J. C. Ryle foi recomendado pelo Primeiro-Ministro Benjamin Disraeli para ser Bispo de Liverpool em 1880 onde trabalhou na construção de igrejas e missões para chegar a toda a cidade. Aposentou em 1900 aos 83 anos e morreu mais tarde nesse mesmo ano. O seu sucessor descreveu-o como “um homem de granito com um coração de criança”. G. C. B. Davies disse “uma presença imponente e uma defesa destemida dos seus princípios foram combinadas com uma atitude amável e compreensiva nas suas relações pessoais”.

O SANGUE DOS MÁRTIRES

*Outros títulos
produzidos por nós*



A Cruz
J.C. Ryle

O que você pensa e sente a respeito da cruz de Cristo? As vezes você vive em uma nação cristã. Provavelmente frequenta o culto de uma igreja cristã. Talvez tenha sido batizado em nome de Cristo. Professa e pensa ser um cristão. Tudo isto é o que se pode dizer de milhões no mundo. Mas tudo isto não é resposta à minha pergunta: "O que você pensa e sente sobre a cruz de Cristo"?

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Um Guia Seguro para o Céu Joseph Allaine

Alguns de vocês não sabem o que quero dizer com conversão, e em vão tentarei persuadi-los a algo que vocês não entendem. Portanto, para o seu bem, vou mostrar **o que é conversão.**

Outros nutrem esperanças secretas de misericórdia, embora continuem como estão. Para eles devo mostrar a **necessidade da conversão.**

Outros tendem a se endurecer com a vã presunção de que já estão convertidos. A eles devo mostrar **as marcas dos não convertidos.**

Outros, porque não sentem nenhum mal, não temem nenhum, e dormem como no topo de um mastro. A eles mostrarei a **miséria dos não convertidos.**

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)

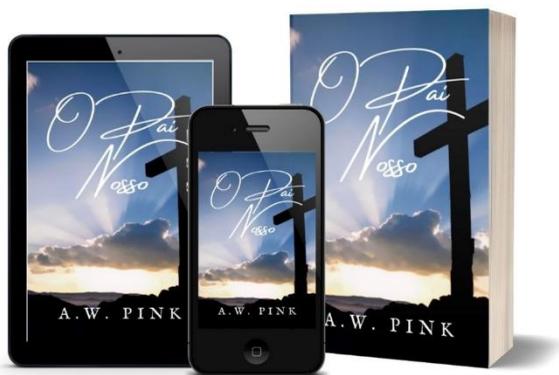


Satanás e Seu Evangelho

A.W. Pink

Tendo sido frustrado e derrotado então, em todos os pontos; tendo falhado em impedir a encarnação de nosso abençoado Senhor, tendo falhado em impedi-Lo de oferecer a Si mesmo como sacrifício pelo pecado, tendo falhado em manter Seu corpo nos confins da sepultura, cabe a nós indagar se Satanás desistiu em desespero ou não, se ele deixou de atacar a pessoa e a obra do Senhor Jesus, se ele mudou sua atitude em relação ao Filho amado de Deus; ou, se ele ainda está processando seus desígnios perversos, ainda se esforçando para frustrar os propósitos de Deus e se ele está ou não, agora, visando anular as virtudes da morte expiatória de Cristo.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



O Pai Nosso
A.W.Pink

"Santificado seja o Teu nome". Como é fácil proferir estas palavras sem pensar em sua importância solene! Ao procurar ponderá-las, quatro questões são naturalmente levantadas em nossas mentes. Primeiro, o que significa a palavra "santificado"? Em segundo lugar, o que significa o nome de Deus? Terceiro, qual é a importância de "santificado seja o Teu nome"? Quarto, por que esta petição vem em primeiro lugar?

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



A Rara Joia do Contentamento Cristão Jeremiah Burroughs

O mistério do contentamento cristão será a obrigação, a glória e a excelência de um cristão.

- A natureza do contentamento cristão: O que é isso (Cap.1)
- A arte e o mistério disso (Cap.2)
- Quais lições devem ser aprendidas para trazer contentamento ao coração. (Cap. 3)
- No que principalmente consiste a gloriosa excelência dessa graça. (Cap.4)

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



A Importância da Bíblia **J.C. Ryle**

Ao lado da oração não há nada tão importante na religião prática como a leitura da Bíblia. Deus misericordiosamente nos deu um livro que é "tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2 Timóteo 3:15). Lendo esse livro podemos aprender sobre o que acreditar, o que ser e o que fazer; como viver com conforto, e como morrer em paz. Feliz é aquele homem que possui uma Bíblia! Mais feliz ainda é aquele que a lê! O mais feliz de todos é aquele que não só lê, mas o obedece, e faz dela a regra de sua fé e prática!

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



O Atleta Celestial **John Bunyan**

Amigos, Salomão diz que “O preguiçoso morre desejando” (Pv 21:25); e se assim for, o que a própria preguiça fará com aqueles que a entretêm? O provérbio é: “o que dorme na sega é filho que envergonha.” (Pv 10:5). E isto ousa dizer: nenhuma vergonha maior pode acontecer a um homem do que ver que ele enganou sua alma e pecou a vida inteira. E tenho certeza de que esta é a próxima maneira de fazer isso; ou seja, ser preguiçoso – preguiçoso, eu digo, na obra da salvação. A vinha do homem preguiçoso, em referência às coisas desta vida, não está mais cheia de sarças, urtigas e ervas daninhas fétidas do que aquele que é preguiçoso para o céu, tendo seu coração e alma sufocados; maldito pecado.

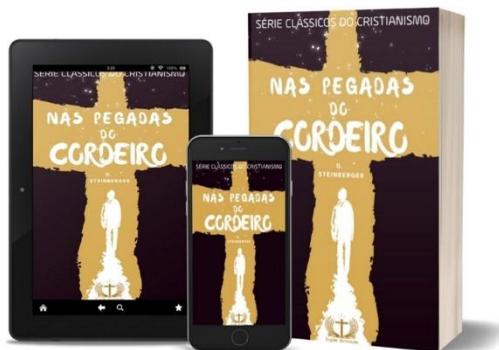
[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Deus Acima do Tempo
Angus Stewart

É claro e repetidamente ensinado na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, que Deus é eterno. Existe, porém, uma diferença de opiniões no significado da eternidade de Deus. Basicamente existem duas visões. Uma é que a eternidade de Deus significa que Ele é desde a infinidade passada e será na infinidade futura. Esta é a visão da eternidade de Deus como eterna ou sempiterna. A outra posição, defendida neste artigo, é que Deus está acima do tempo, que Ele não está no tempo e nem o tempo no Seu Ser.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Nas Pegadas do Cordeiro
George Steinberge

Na vida cristã nossa relação é com uma pessoa, não com uma doutrina. Ele nos deixou um exemplo. Podemos ser desviados pelas doutrinas, e podemos nos cansar delas [embora devamos nos esforçar para não fazê-lo], mas nunca nos cansamos de olhar para o Cordeiro e caminhar em Seus passos. Vamos passar toda a eternidade adorando o Pai porque Ele nos deu o Cordeiro, não só como uma oferta ao pecado, mas também como guia! E como isso é abençoador para nós, especialmente em nosso tempo em que tantas vozes conflitantes chamam: "Aqui está o Cristo!" e "Veja! Ele está lá!"

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Orgulho e Humildade
C.H. Spurgeon

Quase todo evento tem seu prelúdio profético. É um ditado antigo e comum, que “os próximos eventos lançam suas sombras antes de acontecer”; o homem sábio nos ensina a mesma lição no versículo diante de nós. Quando a destruição caminha pela terra, ela lança sua sombra; está na forma de orgulho. Quando a honra visita a casa de um homem, ela lança sua sombra; está na forma da humildade. “Antes da ruína, gaba-se o coração do homem”.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Praticando a Presença de Deus **Irmão Lawrence**

Durante o inverno, vendo uma árvore despojada de sua folhagem, e considerando que em breve voltariam a brotar as suas folhas e depois apareceriam as flores e os frutos, Irmão Lourenço recebeu uma visão da Providência e do Poder de Deus que nunca se apagou de sua alma. Esta visão o liberou totalmente do mundo, e incendiou nele um grande amor por Deus. Tão grande era esse amor que ele não podia se dizer que tinha aumentado nos quarenta anos que se passaram.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)